

DIÁRIO DE LISBOA – 2 DE DEZEMBRO DE 1980

«A SANTA ALIANÇA» de Eduardo Geda

O cinema de Eduardo Geda é um cinema por onde, desde sempre, passam três componentes fundamentais: o sexo, a 'cena' burguesa e a concepção do filme como um lugar de representação, um lugar que não se substitui ao mundo e que, pelo contrário, se assume como espaço de ficção. Daí que os planos sejam, nos seus filmes, quase sempre de uma composição rigorosa, quer do ponto de vista plástico quer do ponto de vista dinâmico. **A Santa Aliança** não foge a estas coordenadas.

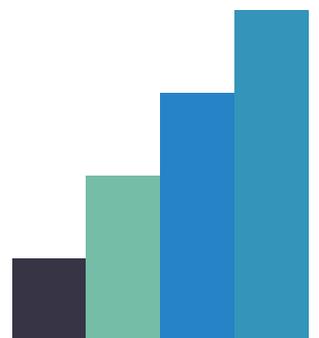
Tratando o cruzamento de duas classes num momento datado da recente História portuguesa (entre o 28 de Setembro e o 11 de Março), **A Santa Aliança** é, no entanto, um filme que se centra sobretudo nos interiores burgueses, lugares onde o poder se funda e reproduz, se cimenta e se mantém. Do outro lado há um outro lugar, contraponto e fonte possível de transformação, mas que aqui se apresenta, definitivamente, como incapaz de produzir a viragem, de se constituir em alternativa real. Do desequilíbrio (doloroso) entre os dois braços da balança nos fala este filme.

Por ali passam personagens-tipo que traçam rotas, lançam sinais: uma família burguesa que se desagrega, actores que se autogestionam, uma Revolução em *off*, um Poder que resiste, um erotismo de compra e venda ou moeda de troca, mulheres que existem na órbita de homens, jovens que se iniciam na arte do poder e no jogo do sexo. Em quadros sucessivos, antológicas cenas que se justapõem num mosaico social contraditório.

É difícil saber de onde olha este filme, qual o lugar de onde emana este discurso. Tocado pela solidariedade militante mas irresistivelmente fascinado/repelido pela cena burguesa, **A Santa Aliança** é o indecídido amor entre duas mulheres: Lia Gama e Io Apolloni. uma morre, a outra vai perder a batalha.

E já que falamos de actores talvez valha a pena chamar a atenção para o esmorecido trabalho de alguns (Lia Gama, Io Apolloni, Helena Isabel, José de Castro ...), para o deficiente contributo de outros (David Silva...), para o erro de distribuição que atinge Henrique Viana, assaz inconvincente. Actores sobre quem repousa boa parte da solidez técnica que esta película tem e que encontra na fotografia de Costa e Silva um dos pilares mais inexpugnáveis. Actores que, de um modo geral, cumprem amplamente.

Escrevi, há dois anos, que **A Santa Aliança** testemunhava a maturidade plena do cinema português. Quer temática quer estilisticamente, continua a parecer-me que ele prova a capacidade de pensar e encenar ficções portuguesas, personagens e locais de que nos sintamos familiares, análises de um real que vamos fazendo quotidianamente.



Este filme foi concebido há cinco anos. Este facto, que para uns vai funcionar como desculpa, para outros como acusação, é chamado aqui porque me parece que é relevante para o situar. Rodado quando o processo revolucionário entrava no Outono, **A Santa Aliança** é talvez um dos primeiros olhares não expectantes, não perplexos, não ingénuos, não primários que o cinema português lançou sobre a situação política de um país em convulsão. Ou, se quisermos, é o primeiro filme que aponta claramente e sem rodeios o lugar do Poder como algo de mais sólido que o longo espectáculo que na rua se encenava.

Esta lucidez (que o não impede de ser calorosamente solidário com os que julgam estar a revolver o mundo) é talvez um trunfo mas não creio que seja aí que o filme encontra o seu lugar singular no seio do mais recente cinema português., Onde **A Santa Aliança** se define como passo em frente é, se quisermos, na relação que procura estabelecer com o público, isto é, apostando num registo que seja capaz de não segregar qualquer espectador, ao mesmo tempo que não ignora a estratificação desse público. Pode dizer-se que estamos perante um filme que conta com quem está do lado de cá do écran, um filme que se quis comercializável (e não é sem ironia que se constata ter estado vários anos na 'prateleira').

Agora aí está, sujeito à prova de fogo da exibição comercial. Vale a pena confrontarmo-nos com ele.